



Foto acervo Cel. Remyldo Ferreira

A lenda viva brasileira do hipismo

Acima, Bibelot, o extraordinário cavalo que deu ao coronel Remyldo inúmeras medalhas.



Foto Eduardo Nyari

O coronel Remyldo Pedro Guimarães Ferreira é o grande mestre da equitação brasileira. Sua vida é a mais rica em conquistas e desafios até os dias de hoje. Coronel de Cavalaria do Exército reformado, compôs a primeira equipe brasileira de salto que participou de uma Olimpíada, em Londres em 1948, façanha que repetiu quatro anos depois, nas Olimpíadas de Helsinque, quando o Brasil obteve um promissor quarto lugar na modalidade de salto. Ele registra ainda participações olímpicas em Estocolmo, em 1956, e em Roma, em 1960.

Poucos cavaleiros brasileiros têm uma trajetória como a do coronel: uma infinidade de competições internacionais de primeiríssimo nível, quatro Jogos Pan-americanos – Buenos Aires, 1951, Chicago, 1959 (quando conquistou medalha de prata por equipes), São Paulo, 1963, e Winnipeg, 1967 - ano em que o Brasil ganhou a primeira medalha de ouro do salto brasileiro, momento que recebeu o nome de “Batismo do Ouro”. O coronel tem ainda em sua coleção de medalhas uma de ouro da FEI e a da Copa das Nações de 1956, quando a equipe brasileira deu um show em Aachen e entrou para a história como a equipe que tirou a hegemonia alemã.

Presidente do CHSA nas gestões de 1969/1970, 1971/1972 e 1975/1976, o mestre se aposentou das pistas em 1966, mas nunca, nem por um dia sequer, deixou de se dedicar ao esporte e aos cavalos.

Sua fama circula o mundo até hoje e prova disso será a homenagem que receberá no segundo semestre deste ano em Aachen pelos feitos hípicos. Não é de impressionar que até mesmo o “templo” da equitação mundial se curve diante desse grande homem, que entrevistamos nesta edição.

O que mais lhe deixa feliz em relação aos conhecimentos que trouxe para o Brasil em relação aos esportes hípicos?

É poder disseminar meus conhecimentos para os mais jovens, principalmente para aqueles que têm talento. Isso me dá muito alegria: vê-los crescer, como uma plantinha que você semeou.

Como o Sr. avalia a nova geração de cavaleiros e amazonas? O que ainda falta para chegar à excelência técnica?

O que há é que mudou muito a mentalidade do concurso, hoje em dia interessa a quantidade e não a qualidade. Os concursos têm “mirim, mini-mirim, júnior, mini-júnior”, dez mil categorias que não têm razão de ser. Houve uma dispersão muito grande dos cavaleiros em prol do aumento da quantidade dos concorrentes, para dar oportunidades a um maior número de participantes. Hoje temos categorias de “1,00m, 1,10m, 1,15m, 1,17m”, e isso deu abertura para outros concorrentes.



Foto acervo Cel. Renyldo Ferreira

Renyldo e Eloy Menezes vencem a prova de duplas no Madison Square Garden, em Nova York, 1951.

Mas isso não é bom?

Eu acho que não é bom, porque dá aos concorrentes uma falsa ideia do que é um concurso hípico, do que é a equitação. No final, eles se julgam aptos demais quando na realidade não o são.

Então, o que é o ideal para o Sr.?

O ideal seria voltar às categorias-base, que eram Mirim, Júnior, Sênior e Amazonas. Atualmente, só a categoria Amazonas tem “mirim, mini-mirim, amazona A, amazona B”...

E tem como reverter esta situação?

É muito difícil fazer isso acontecer, voltar às origens, quando a equitação era mais clássica. Hoje é mais abrangente, mas mais insignificante.

Para os competidores, a técnica se perde com tantas categorias?

Não, porque cada um está dentro do seu nível. Então, quem compete em seu nível tem a percepção e acuidade de guardar os ensinamentos, e assim progride e segue em frente.

Qual a maior diferença entre os concursos de hoje e os de antigamente?

Na verdade, não existem mais as provas de potência. Por uma questão de economia, um cavalo bom é preservado para não correr muitos riscos de se machucar. A prova de potência é uma categoria que tem poucos obstáculos – apenas dez –, e estes vão crescendo paulatinamente. O recorde mundial de altura existe até hoje: 2,47m de um cavalo chileno, o Azzo. Hoje, quem tem um cavalo que salte desta forma quer poupá-lo, não quer correr o risco de vê-lo mancar, refugar.



Foto Dujilio Tupã Vídeio

O coronel durante noite de autógrafos de seu livro “O Hipismo Brasileiro”.



Coronel Renyldo em Aachen, 1956: vitória do GP com Travessura deixa o mundo hípico emocionado.

O Sr. chegou a participar destas provas?

Sim, e em Roma, saltei com uma égua de um rapaz um muro de 1,95m. Esta história é engraçada: este cidadão era suíço e na Suíça você precisa decorar o regulamento das três modalidades: adestramento, cavalo completo e salto. Ele sabia tudo, mas na prática, ele levava um ferro danado... ele sempre era reprovado. Então, ele chegou para mim e pediu para eu montar a égua irlandesa dele, e como eu morava na Europa, disse que a montaria todos os dias depois das 15h. Dei aula para o rapaz durante três meses, e no fim ele conseguiu passar no tal exame que queria e ficou tão feliz que me fez uma proposta: coronel, ele disse, então vamos fazer o seguinte, para essa égua ficar 100% sempre, eu entro nas provas fracas e o senhor entra nas provas fortes. Eu concordei, e foi em uma dessas provas fortes em Roma que saltei o muro de 1,95m, foi um fato excepcional. O tal suíço ficou tão agradecido que me ofereceu para entrar nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg com essa égua, e foi a primeira vez que o Brasil ganhou uma medalha de ouro por equipe.

O Sr. tem saudades destes cavalos?

Eu tenho uma lista de todos os cavaleiros que montei desde garoto, uma lista enorme, com mais ou menos 350 cavalos. E entre eles está o Bibelot, que para mim é um cavalo fantástico, fora de série.

O Bibelot tinha 1,52m, era baixinho, mas fez história. Houve uma prova em Spa, na Bélgica, de seis barras estacionadas e com altura progressiva, a dois lances de galope, a 10,5m, e ao final ficou um triplo obstáculo com 1,65m, 1,75m e 1,85m. O Nelson Pessoa

ganhou com a Copacabana, eu derrubei o obstáculo do meio e fiquei em segundo, e a representante da equipe inglesa derrubou dois e ficou em terceiro. Daí o locutor pediu a gentileza de fazer passear o cavalo que tinha ficado em segundo lugar entre os obstáculos. Ele disse: “estes obstáculos têm 1,65m, 1,75m e 1,85m e o cavalo tem apenas 1,52m. Convido o público para dar uma salva de palmas para o cavalo mais nobre que já saltou aqui na Bélgica”. Eu fiquei arrepiado. Esse é um momento inesquecível para mim.

Como era o Bibelot?

O Bibelot ganhava todas as provas de 1,60m e foi fruto de um trabalho da Diretoria Geral de Remonte e Veterinária do Exército, que queria melhorar os cavalos para seus cavaleiros de prova. Por isso, compraram várias éguas na Argentina e selecionaram no Brasil algumas éguas fortes. No Jockey Clube Brasileiro, escolheram cavalos de um belo porte, tipo harmonioso e boa altura. E assim conseguiram montar os cavaleiros dos 15 Regimentos Hipomóveis que havia no Brasil naquela época. Daí surgiu o Bibelot, e surgiram tantos outros excelentes cavalos, como Guapo e Itavaí, dessa iniciativa formidável – e eles eram notáveis.

Do que o Sr. mais sente falta depois da “aposentadoria”?

Eu venho todas as manhãs ao CHSA, porque aqui há três bosques, sendo dois deles da Mata Atlântica, com todos os seus bichinhos. Venho para cá porque cada árvore que dá flor eu plantei ou mandei plantar...

Neste momento, Dulce faz um parêntese: “ele acorda pensando no Clube! E me lembro que o Roberto Kalil o chamava de ‘coronel florzinha’... O Roberto Kalil é um irreverente – responde o coronel...

Mas o Sr. sente falta de saltar?

Olha, vou lhe dizer uma coisa, não sinto falta dos concursos, não! Mas oriento dois ou três cavaleiros aqui no CHSA. Não sinto falta porque eu caí muito, como todo o cavaleiro que monta, e até mesmo o pelo do cavalo cai na primavera! Mas eu caía e rolava e assim nunca me machuquei. Me machuquei em três vezes sem ser culpa minha: eu dava aula para um menino na pista e o cavalo do Caio Mata disparou, me pegou pelas costas e me jogou dez metros distante e como resultado fiquei com o ombro avariado. Outro problema são alguns dedos com artrose de tanto ajudar meu sargento a domar os cavalos para os recrutas montarem. Em outra situação, um cavalo bravo me deu uma cabeçada e quebrou dois dentes da frente na arcada



Foto acervo Cel. Renyldo Ferreira

Coronel Renyldo, Neco e Eloy: o sorriso não é para o título do Mundial de Aachen, em 1956, mas para a bandeira brasileira improvisada de última hora pelos alemães. O mundo se assombra com esses três infantes terríveis...

superior. Mas não tem nada não, eu mantenho esse sorriso que você vê... esse sorriso alvar!

O Sr. será homenageado em Aachen, por quê?

Porque em 1956 houve uma Olimpíada em que a Alemanha ganhou ouro por equipe e ouro, prata e bronze individualmente, ou seja, a equipe alemã arrasou! Um mês depois, nós íamos saltar com eles em Aachen; fomos saltar com três cavaleiros e eles com quatro. O nosso quarto cavaleiro era um civil, e nós o proibíamos de entrar na pista, porque era uma vergonha, era horrível. Mesmo com três cavaleiros, nós ganhamos da equipe alemã. Ganhamos em Aachen dessa equipe que era um arraso, razão pela qual vamos ser homenageados na Temporada Brasileira de Aachen, e eu serei homenageado por ter participado de quatro Olimpíadas, Pan-americanos, Mundiais etc.

Nós não éramos reconhecidos e aconteceu um fato extraordinário em uma prova na Alemanha: não teve a

bandeira brasileira para subir no mastro. O capitão da prova justificou dizendo que não tinha a bandeira brasileira porque só colocavam as dos vencedores. E eu lhe disse: “e se nós ganharmos? Ele respondeu: “oh, it’s very difficult”, e eu respondi: “it’s very difficult but not impossible”. E ganhamos! Aí, foi uma correria para arranjar uma bandeira brasileira – pegaram um pano verde e costuraram um losango amarelo, depois costuraram uma bolota azul lá... Na foto histórica dessa vitória, eu, Neco e Eloy estamos lá, olhando e rindo da bandeira que improvisaram.

Com tantas histórias emocionante, qual é o recado do Sr. para os novos cavaleiros?

A palavra sempre deve ser de estímulo, porque embora seja um esporte de risco, é um esporte maravilhoso, de beleza ímpar, que reúne duas almas, dois espíritos: que são o cavalo e o homem. A beleza está nisso, nesta sincronia.



Placas de box: a da esquerda, de 1956, não exhibe a bandeira brasileira; no ano seguinte, Aachen se curva diante do talento brasileiro e coloca o Brasil, reconhecendo a capacidade técnica de nossos cavaleiros.



Renyldo e Bibelot vencem o 1º Campeonato Brasileiro de Sênior, em 1954.



Foto acervo Cel. Renyldo Ferreira